

Projetos de Intervenção Social e Esportes - possibilidades para o desenvolvimento de comportamentos resilientes¹

Paulo Castelar Perim²
Antonio Manuel da Fonseca³
Nuno Corte-Real⁴
Cláudia Dias⁵

Resumo

A Psicologia Positiva apresenta como propósito primordial das ciências humanas a promoção do bem-estar humano. Partindo da premissa de que o esporte, pode ser um bom promotor de resiliência, esta pesquisa teve por objetivo verificar se existe de fato correlações possíveis entre o desenvolvimento de resiliência e a participação efetiva de crianças e jovens em projetos sociais onde a prática de esportes é utilizada. A amostra se constituiu 211 jovens participantes em projetos sociais e 296 praticantes de esportes mas não participantes em projetos sociais. A coleta foi realizada através de uma escala de resiliência (Wagnild & Young, 1993) uma escala de suporte social (Sarason et al., 1983), dados acerca do esporte e dados demográficos. Os resultados apontam que não houve diferenças entre as idades e, sendo que o grupo de adolescentes que não participam em projetos sociais aparecem com melhores níveis de resiliência do que aqueles que participam, entretanto os dados sugerem que existe uma correlação estatisticamente significativa associada ao tempo de participação dos adolescentes nos projetos, o que justifica o seu reforço e continuidade.

Palavras chave: Psicologia Positiva; Esporte; Resiliência; Análise Estatística.

Resumen

La Psicología Positiva presenta como objetivo principal de las ciencias humanas la promoción del bienestar humano. Asumiendo que el deporte puede ser un buen promotor de la resiliencia, esta investigación tuvo como objetivo verificar si existen correlaciones entre el desarrollo de la resiliencia y la participación de niños y jóvenes en proyectos sociales donde se utiliza la práctica deportiva. La muestra estaba formada por 211 jóvenes que participaban en proyectos sociales y 296 que practicaban deporte pero que no participaban en proyectos sociales. La recopilación de datos fue realizada mediante una escala de resiliencia (Wagnild & Young, 1993), una escala de apoyo social (Sarason et al., 1983), los datos sobre el deporte y la demografía. Los resultados señalan que no hubo diferencias entre las edades, y siendo que el grupo de adolescentes que no participan en proyectos sociales aparecen con mejores niveles de resiliencia que aquellos que participan, los datos sugieren la existencia de una correlación estadísticamente significativa asociada al tiempo de participación de los adolescentes en los proyectos, lo que justifica su refuerzo y continuidad.

Palabras clave: Psicología Positiva; deporte; resiliencia; análisis estadístico.

¹ Recibido: 13/febrero/2015. Aceptado: 29/junio/2015

² Doutor em Ciências do Desporto – Universidade do Porto- Portugal. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo- Brasil. Contacto: pcastelar@hotmail.com

³ Doutor em Ciências do Desporto – Universidade do Porto- Portugal. Professor Catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto- Portugal

⁴ Doutor em Ciências do Desporto – Universidade do Porto- Portugal. Professor da faculdade de Desporto – Universidade do Porto

⁵ Doutora em Psicologia – Universidade do Minho- Portugal. Professora da faculdade de Desporto – Universidade do Porto

Abstract

The Positive Psychology presents as a primary purpose of human sciences the promoting the well being. Assuming that sports can be a good promoter of resilience, this research has as objective verify if there's indeed possible correlations between resilience development and the effective children and young people participation in social projects where the practice of sports is used. The sample is built with young people involved in social projects and 296 sports enthusiasts but no involved in social projects. The collection was realized through a scale of resilience (Wagnild & Young, 1993), a social support scale (Sarason et al., 1983), data about sports and demographic. The results point that there were no differences between the ages and, the group of teenagers who do not participate of social projects appear to have better resiliency levels than those who participate, however the data suggest that there is a statistically significant correlation associated with the time of participation of the adolescents in the projects, which justifies its reinforcement and continuity.

Keywords: Positive Psychology; Sport; Resilience; Statistical Analysis.

Introdução

Nas últimas décadas, o mundo passou por um grande processo de transformação. As tecnologias que se desenvolveram, em todos os campos, permitiram progressos até então inimagináveis, aumentando, inclusive, a expectativa de vida das pessoas em várias partes do planeta. Entretanto, todo esse desenvolvimento, as desigualdades sociais não têm diminuído e o fosso que separava países ricos e pobres parece ter-se alargado e, conseqüentemente, aumentado a descrença de que o processo social, por si só, poderá resolver as grandes questões humanas (Zanella; Lessa & Da Ros, 2002).

No meio do caos da chamada pós-modernidade, que é caracterizada por um sentimento de desesperança acerca do futuro, surge a Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), que, dentre outros objetivos, chama a atenção para a necessidade de se estudarem aspectos positivos do desenvolvimento humano, reforçando e centralizando estudos e campos de atuação com foco nesses aspectos, ou seja, mais voltada para a promoção e pesquisa dos aspectos relacionados com a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo do sujeito, com especial destaque à valorização dos aspectos saudáveis da vida e da existência humana (Vasquez, Cervellon, Perez & Sales, 2005, Regueiras, 2012).

Neste novo paradigma, as ciências humanas devem estar voltadas para a promoção do bem-estar humano, considerando-se que não há nada mais nobre que a promoção do bem-estar (Seligman, Steen, Park & Peterson, 2005).

Deste modo, o desenvolvimento e a proliferação de projetos sociais nos vários âmbitos da sociedade vêm atender, dentro do possível, as lacunas que a aceleração do processo de desenvolvimento causou, buscando contribuir para a aquisição e desenvolvimento da cidadania perdida por vários segmentos sociais neste caminho. A cidadania expressa aqui como um conjunto de direitos e deveres que devem balizar a vida de todos e, em especial ao acesso as

condições de uma vida digna que deveriam estar acessíveis a todos os cidadãos (secretaria de Estado do Paraná, 2006).

Ao se falar em cidadania deve-se também falar em valores sociais

que representam as necessidades humanas e as pré-condições para satisfazê-las. Eles são vistos como princípios-guia disponíveis para todos os seres humanos, mas que podem ser assumidos em magnitudes distintas, uma vez que emergem associados às experiências de socialização e dependem do contexto sociocultural de cada pessoa (Gouveia, 2003, p. 431)

Os valores se caracterizam não por simples ideias que são passadas de gerações para gerações, mas se constituem num conjunto de ações que se expressam nas realções das pessoas no seu cotidiano, ou seja, se caracterizam por um conjunto de ideias, de conceitos que contribuem e facilitam a vida em sociedade (Braithwaite & Law, 1985)

Eles são construídos a partir das relações sociais que os indivíduos vão estabelecendo em suas vidas. É na dinâmica social que eles vão se apropriando dos mesmos, assim torna-se de extrema importância que este contato seja favorecido de forma a criar as condições necessárias para que determinados valores, que possam contribuir para o enriquecimento da vida em sociedade, façam parte do entorno social, da vida social de crianças e adolescentes em formação. Entretanto, a que se cuidar desta formação no sentido apontado por Camino, Camino, Pereira e Paz

A moral da individualidade caracteriza-se por valores utilitaristas e hedonistas, por uma justiça punitiva de tipo expiatória e por uma ausência de responsabilidade frente às faltas cometidas. Já a moral corporativista caracteriza-se pela preocupação referente ao bem-estar do outro, pelo cuidado com o manter as amizades e pela preocupação em ser bem visto pelos outros. Nesta moral, valores como a cooperação, a solidariedade, a fidelidade e a ajuda estão presentes. Os valores desta moral, às vezes, apresentam-se em conflito com valores relativos ao bem-estar da coletividade. Nestes casos, normalmente, são os valores corporativistas que prevalecem (2004, p.26).

No caso específico do esporte, este tem sido utilizado por muitos projetos em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, tentando fornecer as condições necessárias para que este contato e esta relação possa se estabelecer.

O esporte faz parte do cotidiano de quase todas as sociedades humanas e aparece ao longo da história das civilizações. Sua utilização plural no tempo/espço o leva a ser conhecido e apreciado em sua diversidade, pois as variadas culturas que dele se apropriam o fazem de forma diferenciada e o empregam para múltiplos fins. Além disso, a sua utilização como um meio para a educação de massas não é algo recente. Muitos trabalhos foram e são desenvolvidos com esse propósito, especialmente por ser o esporte um atrativo para crianças, jovens e até adultos (Brustad, 1988; Regueiras, 2006, 2012).

O esporte por si só é motivo mais do que suficiente para reunir um grupo de amigos, motivar uma torcida, proporcionar encontros casuais ou até mesmo ajudar na solução de pequenos conflitos (Bento, 2004). O reconhecimento de que o palco onde o esporte acontece (seja em que instância for) é lugar, por excelência, da aquisição de valores e do desenvolvimento de estruturas psicossociais, também não constitui nenhuma novidade. Entretanto, não se pode afirmar que exista uma relação direta entre a prática esportiva e práticas de saúde e/ou estilo de vida saudáveis (Corte-Real, 2006).

Neste sentido, é preciso desenvolver um olhar mais crítico e atento aos valores que são passados através do esporte e da sua prática, pois esses valores reproduzem muitas vezes um processo social que não expressa necessariamente comportamentos éticos e de engrandecimento do ser humano (Bracht, 1992; Regueiras, 2012). Um exemplo disso pode ser visto quando nos defrontamos com uma competitividade exacerbada, irracional e causadora de exclusão, violência e muitas vezes até de ódio ao outro.

Levando em consideração o potencial do esporte para o desenvolvimento de trabalhos de intervenção social, muitos projetos tem sido desenvolvidos. Um destes projetos que possuía um objetivo muito específico e a curto prazo foi o que se desenvolveu com estudantes que viveram a tragédia ocorrida na escola de Beslan (antiga URSS), onde sequestradores mantiveram mais de 1.300 pessoas como reféns por um período de três dias, causando a morte de 344 pessoas, sendo 186 crianças.

O programa intercalava atividades esportivas, artísticas e de lazer, assim como processos de terapia de grupo e individual. Um dos objetivos foi verificar se a inserção de crianças e jovens num programa especialmente concebido para favorecer o aumento dos níveis de desenvolvimento de resiliência seria eficaz (Vetter, Dlaev, Mueller, Henley & Gallo 2010). Na conclusão do seu trabalho, os autores afirmam terem encontrado desenvolvimentos favoráveis a nível do desenvolvimento da resiliência, em especial naquelas crianças que estiveram mais expostas ao risco, ainda que de forma geral os ganhos tenham sido favoráveis.

Outros projetos, que também se utilizam do esporte têm objetivos mais gerais, como o desenvolvimento positivo dos jovens. O programa, Taking Personal and Social Responsibility (TPSR), desenvolvido por Hellison e Walsh (2002), por exemplo, constitui-se de uma metodologia que, através do esporte, pretende dar apoio a crianças e jovens em risco social (Hellison & Walsh, 2002, Regueiras, 2012). Este programa parte do princípio de que só seria possível ajudar crianças e adolescentes em risco social se estes aprendessem a tomar para si a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento e a cuidar de si e dos outros, pois essas características lhes dariam as condições necessárias para enfrentar as adversidades sociais que faziam parte do seu cotidiano (Hellison & Wright, 2003; Regueiras, 2006, 2012).

Esporte e resiliência

Não se pode afirmar que todo ser humano, ao se deparar com uma grande dificuldade, irá necessariamente desenvolver algum tipo de patologia, como se pode constatar no cotidiano. Mesmo que uma parte das pessoas tenha desenvolvido algum tipo de sequela por ter passado por uma experiência traumática, a maioria ultrapassa essas situações de estresse sem grandes danos (Bonanno, 2004). Pérez-Sales e Vazquez (2003) consideram que o processo mais natural do ser humano seria a sua capacidade não só de ultrapassar esses eventos, mas também de os enfrentar e, acima de tudo, aprender com os mesmos na busca por alcançar níveis de crescimento maiores que lhes permitam enfrentar outras situações tão adversas quanto as já vivenciadas.

Resiliência é o fenômeno que se caracteriza como o processo que os sujeitos desenvolvem a fim de encontrar seu ponto de equilíbrio, após um acontecimento traumático (Masten, 2001), e aprender com a situação. Se, antes, o que se encontrava na literatura especializada afirmava que a resiliência se constituía quase que totalmente como uma capacidade do sujeito, hoje encontramos um crescente número de autores a estudá-la como um processo em que, para além das capacidades do sujeito, estão em jogo as relações afetivas familiares e as redes de suporte social que o sujeito sente-se pertencendo (Pesce, Assis & Santos, 2004; Rutter, 1999).

Potencialmente, o esporte (que poderia se configurar no aspecto das redes de apoio social – bastante importantes para o desenvolvimento da resiliência), reúne uma série de elementos que encontram correspondência com aqueles apontados na literatura como próprios para a aquisição e desenvolvimento de comportamentos resilientes por parte de seus praticantes. Podemos apontar, entre outros, a auto-eficácia (De Antoni & Koller, 2001), o vínculo com adultos significativos e a aquisição de competências cognitivas e sociais (Rutter, 1987), ou a responsabilidade e cuidado com os pares (Hellison & Wright, 2003).

Em estudos desenvolvidos com jovens e crianças no Brasil, Perim (2011) constatou a correlação positiva e estatisticamente significativa entre resiliência e prática esportiva. Ainda que mais estudos precisam ser desenvolvidos no sentido de apontar a direção desta correlação, ou seja, os sujeitos são resilientes por que praticam esportes ou por praticarem esportes é que desenvolvem comportamentos resilientes, esta correlação positiva está já colocada.

Ao discutir esta temática, Sanches (2007) apresenta uma série destes elementos e os correlaciona com a prática esportiva, demonstrando que em termos ideais a correspondência é possível. Mais concretamente ao trabalhar com uma amostra de jovens que participam de um projeto de intervenção social com o esporte, a autora apresenta em suas conclusões a clara convicção de que os participantes deste projeto tenderam a obter ganhos em relação à obtenção e manutenção de comportamentos resilientes pela efetiva participação neste projeto. No final do

artigo, Sanchez (2007) conclui mesmo que:

constatou-se que o projeto de atletismo em questão contribuiu para o fortalecimento da rede de apoio social e afetivo dos participantes, para a promoção de saúde psicológica dos mesmos, aumentando também diversos fatores de proteção, diminuindo outros fatores de risco e promovendo a resiliência desses jovens (p.9).

É preciso aprofundar mais esta possível relação entre a prática esportiva e a resiliência, especialmente considerando o avanço dos estudos na área da resiliência que têm cada vez mais se voltado não para a simples constatação de que os sujeitos possuem ou não resiliência, mas para a compreensão do fenômeno enquanto um processo (Luttar et al., 2000).

Neste sentido, tanto Luttar et al. (2000) quanto Rutter (2006) têm discutido acerca das pesquisas que são realizadas sobre a resiliência e apontado suas limitações, sugerindo caminhos que nos parecem ser bastante pertinentes. O primeiro passo apontado é no sentido de que a resiliência é um processo e não uma característica intrínseca do sujeito. Manifesta-se a partir da exposição ao risco sendo aqui colocada a primeira questão metodológica, ou seja, é preciso mensurar o risco e determinar o grau de afetação do sujeito ao mesmo (Rutter, 2006). Para que de fato ocorra um comportamento que possa ser classificado como resiliente é preciso ainda que o sujeito não só ultrapasse o risco como também possa retirar ganhos positivos com esta experiência.

Lutar et al. (2000) recomendam então que sejam realizadas pesquisas com pequenas amostras e que a análise do que quer dizer positivo seja uma medida estabelecida de acordo com os aspectos analisados, ou seja, se a pesquisa aponta que o sujeito é resiliente em relação a um determinado aspecto da sua realidade ele deverá demonstrar competências que se relacionam a esta realidade e não competências gerais, já que o sujeito pode ser resiliente para determinados aspectos da vida e para outros não.

No nosso caso, acreditamos que, partindo da premissa de que existe uma relação positiva entre a prática desportiva e a resiliência, cabe agora o desenvolvimento de estudos que possam trazer luz a este processo. De fato, existem diferentes temáticas e muitas questões que podem ser exploradas no futuro, como por exemplo, que aspectos da prática desportiva contribuem de fato para o desenvolvimento de resiliência? Que relações podem de fato ser estabelecidas? Será a frequência, o tempo de prática, a intensidade e/ou a valoração que o sujeito dá a esta prática esportiva o fator mais importante ou serão outros aspectos como o convívio social que a prática desportiva favorece?

No desenvolvimento de seu estudo de revisão acerca do construto da resiliência, Laranjeira (2007) levanta algumas questões quando apresenta as suas considerações. Queremos aqui apresentar uma questão levantada, que surge quando o autor se refere à possibilidade de se desenvolverem estratégias para o desenvolvimento da resiliência: "Qual é a formação de que necessitam os profissionais que intervêm e quais os limites das suas competências?" (p.330).

Não outorgamos aqui o compromisso de apresentar uma resposta a esta questão, especialmente considerando o que foi aqui exposto, ou seja, o fato da resiliência ser um conceito em construção e pelos limites deste estudo; entretanto não queremos deixar de salientar que o estudo da relação entre a prática desportiva e a resiliência com o intuito de estabelecer nexos de possíveis relações que possam favorecer e/ou embasar trabalhos de intervenção social tendo por objetivo o desenvolvimento de projetos neste campo nos parece ser da alçada de profissionais cuja formação esteja na interface entre a Educação Física, o Desporto e a Psicologia.

Neste sentido, esta formação deve passar necessariamente pelo conhecimento do movimento humano (objeto de estudo da Educação Física) entendido a partir do seu processo sócio/histórico e cultural e do conhecimento dos processos psicossociais que justificam e dão suporte a determinadas práticas sociais e do desenvolvimento pessoal e social (que constituem linhas de estudos da Psicologia).

Cabe ressaltar ainda que os projetos sociais que se desenvolvem em solo brasileiro têm o apoio de uma lei criada a nível federal (Presidência da República, 2006) que permite a empresas públicas e privadas a redução de impostos que podem ser utilizados para o financiamento de projetos com o esporte. Isto tem ajudado bastante no crescimento e desenvolvimento de projetos sociais que atendem a um grande número de crianças, jovens e idosos de várias partes do Brasil. Entretanto esta prática está desvinculada das políticas públicas quer sejam federais, estaduais ou municipais, ou seja, é possível serem desenvolvidos projetos sociais utilizando dinheiro público (já que é deduzido dos impostos que seriam arrecadados pelo poder público) sem a anuência de nenhum órgão público, o que se traduz na total desvinculação das políticas públicas relacionadas ao esporte.

Considerando o exposto, o presente estudo teve por objetivo verificar se os jovens que participam efetivamente em projetos sociais que se utilizam do esporte como principal ferramenta, alcançam níveis de desenvolvimento de resiliência maiores do que os jovens, que, a despeito de praticarem esportes, não participam nesses projetos. Pretendeu-se ainda analisar se haviam diferenças em função das idades dos jovens. Além disso, buscou-se entender se a participação efetiva desses jovens nesses projetos ao longo do tempo traz benefícios no desenvolvimento da resiliência.

Método

Participantes

A amostra se constituiu de 507 sujeitos do ensino médio, 211 participantes em projetos sociais envolvendo o esporte e 296 estudantes do ensino médio, praticantes de esportes mas não participantes em projetos sociais. Todos os sujeitos eram residentes em bairros de periferia.

No que diz respeito ao sexo, e por termos encontrado poucas moças participantes em projetos sociais, optamos por fazer um estudo só com os rapazes. A idade dos sujeitos variou entre os 12 e 17 anos (média $14,8 \pm 1,36$). Os dados foram coletados em três projetos sociais distintos em dois Estados brasileiros.

Todos os projetos desenvolvem atividades com o esporte, em geral o futebol. Os participantes comparecem em média duas vezes por semana. Através da prática esportiva é tentado estabelecer links com a vida dos participantes através de conversas que se realizam pós prática esportiva, entretanto, alguns destes projetos tem ainda a finalidade de descobrir novos talentos.

Projeto "A"

Criado em 1997 por membros das Comunidades Eclesiais de Base, em parceria com a Prefeitura Municipal e outros órgãos. Este projeto oferece uma série de atividades esportivas e culturais, além de outros de apoio às crianças e adolescentes que compõem o seu público alvo.

Projeto "B"

Nasceu a partir da iniciativa de um grupo de moradores do bairro juntamente com outros grupos como a Pastoral da Criança e Associação de Moradores que, inconformados com a situação do descaso do poder público em relação aos direitos sociais básicos, buscaram criar alternativas de enfrentamento para a diminuição dos problemas sociais da comunidade. Uma das ações desenvolvidas é coordenada por profissionais da área da Educação Física que direcionam suas intervenções objetivando a melhoria do desenvolvimento geral dos participantes através das modalidades esportivas utilizadas como ferramentas para a educação não formal e lazer.

Projeto "C"

Criado desde finais da década de 80 e tem sido, ao longo desse tempo, tomado como referência na sua cidade. O seu objetivo é promover a integração social das crianças e jovens através do esporte, no sentido de atingir níveis de desenvolvimento psíquico e físico e contribuir dessa forma, para o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus participantes.

Instrumentos e Procedimentos

Foi aplicada a Escala de Resiliência adaptada à realidade brasileira por Pesce et al. (2005); foram também usados o Questionário de Suporte Social (SSQ6) adaptado à língua portuguesa (Perim, 2011) e um questionário onde eram solicitadas informações de caráter demográfico (idade, sexo) e questões relacionadas ao esporte e à participação nos projetos sociais.

Os questionários foram aplicados por um dos pesquisadores durante uma aula, após as devidas autorizações. Primeiramente, os respondentes receberam uma explicação de como preencher o instrumento e as possíveis questões sobre o mesmo eram esclarecidas, após o que o

pesquisador solicitava a atenção dos sujeitos e ia lendo pergunta por pergunta, pedindo a todos que fossem respondendo em conjunto. Foi garantido o anonimato aos participantes.

No caso dos participantes dos projetos de intervenção social, o instrumento também foi aplicado de forma coletiva, usando o mesmo procedimento do restante da amostra. Destaca-se o fato de que em um dos projetos, o tempo de resposta foi cerca de 2 horas e 30 minutos, quando o tempo médio dos demais não ultrapassou os 50 minutos.

Os dados coletados foram tabulados e analisados por meio do software estatístico SPSS (versão 18.0). Utilizamos análises estatísticas simples, como frequência, média, desvio padrão e outros procedimentos adequados, tais como t de Student, ANOVA e correlações.

Resultados

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quando foram analisados e comparados os dados encontrados pela faixa etária dos participantes.

No que respeita à comparação dos níveis de resiliência entre os jovens participantes e os não participantes, encontramos maiores escores nos jovens não participantes, sendo estas diferenças estatisticamente significativas em todas as subescalas analisadas, exceptuando na denominada de “equanimidade”, a única onde não havia diferenças estatisticamente significativas. No questionário de suporte social (SSQ6) o mesmo padrão se repete.

Tabela 01 - Escores de resiliência de jovens participantes e não participantes de projetos sociais.

	Média	Desvio padrão	t
Auto-suficiência			
não participantes	5,07	1,20	4,12***
participantes	4,54	1,59	
Sentido da vida			
não participantes	5,30	1,13	2,05*
participantes	5,02	1,78	
Equanimidade			
não participantes	4,60	1,13	1,74
participantes	4,39	1,45	
Perseverança			
não participantes	5,37	1,20	4,55***
participantes	4,78	1,69	
Singularidade Existencial			
não participantes	5,00	1,24	5,08***
participantes	4,35	1,60	
RS total			
não participantes	5,06	0,96	4,81***
participantes	4,61	1,45	

SSQ6N			
não participantes	20.42	11.35	2.23*
participantes	18.00	9.74	
SSQ6S			
não participantes	29.10	9.77	5.52***
participantes	23.33	11.57	

*p < 0.05 ** p < 0.01*** p<0,001

Em seguida, comparamos jovens de diferentes grupos etários, pelo que a amostra foi dividida em dois subgrupos, um dos 12 aos 14 anos, que denominamos de “adolescência inicial”, outro com idades entre 15 e 17 anos, que denominámos de “adolescência”.

Considerando inicialmente apenas o grupo adolescência inicial, os resultados demonstraram não haver diferenças estatisticamente significativa nas subescalas da resiliência e no suporte social (SSQ6N). Como se pode observar no Quadro 2, apenas foram encontradas diferenças significativas no questionário de suporte social no que se refere ao número que constitui a rede social do sujeito (SSQ6S).

Tabela 02 - Escores de resiliência de jovens participantes e não participantes – grupo adolescência inicial.

	Média	Desvio padrão	t
Auto-suficiência			
não participantes	4,65	1,50	0,97
participantes	4,46	1,45	
Sentido da vida			
não participantes	4,88	1,46	-0,77
participantes	5,05	1,58	
Equanimidade			
não participantes	4,24	1,37	-1,01
participantes	4,43	1,34	
Perseverança			
não participantes	4,89	1,55	-0,02
participantes	4,90	1,55	
Singularidade Existencial			
não participantes	4,72	1,50	2,84
participantes	4,16	1,34	
RS total			
não participantes	4,68	1,28	0,45
participantes	4,60	1,22	
SSQ6N			
não participantes	20.84	12.03	1.47
participantes	18.07	11.35	
SSQ6S			

não participantes	26,25	11.05	2.35*
participantes	21,94	11.53	

*p < 0.05 ** p < 0.01*** p<0,001

Por outro lado, quando analisamos os dados no grupo que denominamos “adolescência” (15-17 anos), já encontramos diferenças estatisticamente significativas e favoráveis aos não participantes em todas as escalas da resiliência e no questionário de suporte social no que se refere ao grau de satisfação do sujeito com a sua rede (SSQ6S); na subescala SSQ6N, apesar do maior escore ser o dos jovens não participantes, as diferenças não eram estatisticamente significativas.

Tabela 03 - Escores de resiliência de jovens participantes e não participantes nos projetos sociais – grupo adolescência.

	Média	Desvio padrão	t
Auto-suficiência			
não participantes	5,27	0,97	4,19***
participantes	4,62	1,72	
Sentido da vida			
não participantes	5,51	0,87	3,17**
participantes	4,98	1,98	
Equanimidade			
não participantes	4,76	0,95	2,85*
participantes	4,34	1,57	
Perseverança			
não participantes	5,60	0,91	5,91***
participantes	4,67	1,82	
Singularidade Existencial			
não participantes	5,13	1,07	4,52***
participantes	4,56	1,814	
RS total			
não participantes	5,25	1,07	4,52***
participantes	4,63	1,81	
SSQ6N			
não participantes	20,25	11,10	1,74
participantes	17,93	7,87	
SSQ6S			
não participantes	30,20	9,03	4,22***
participantes	24,72	11,50	

*p < 0.05 ** p < 0.01*** p<0,001

Na comparação entre os dois grupos etários não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação aos ganhos acerca da resiliência assim como também com relação as redes de suporte social.

Ao continuar a análise dos dados, interessava saber que correlações existiam entre o tempo em que os sujeitos participavam nos projetos e os índices de resiliência e do suporte social (neste sentido os sujeitos foram divididos em três categorias, aqueles que participavam dos

projetos há menos de 12 meses, os que participavam entre 12 a 24 meses e os que participavam acima de 24 meses). Na tabela 04 podemos perceber que foram encontradas correlações positivas e estatisticamente significativas entre o tempo de participação nos projetos e todas as subescalas, incluindo a escala total. No que diz respeito ao SSQ6N, as correlações eram negativas e todas com diferenças significativas em relação às subescalas e à escala total de resiliência, acontecendo o mesmo com o SSQ6S, só que no sentido das correlações positivas.

Tabela 04 - Correlações entre o tempo no projeto a resiliência e o suporte social

	tempo	SSQ6N	SSQ6S	Auto-sufici	Sentvida	Equani.	Persev.	Sing.Exist.	RS.Total
Tempo	1								
SSQ6N	0,54	1							
SSQ6S	0,35***	0,53	1						
Auto-suficiencia	0,44***	-0,25***	0,50***	1					
Sentido da vida	0,41***	-0,19*	0,58***	0,73***	1				
Equanimidade	0,30***	-0,20**	0,30***	0,53***	0,72**	1			
Perseverança	0,47***	-0,18*	0,59***	0,84***	0,86***	0,78***	1		
Sing. Existencial	0,38***	-0,24***	0,55***	0,81***	0,67**	0,65***	0,75***	1	
RS Total	0,45***	-0,23**	0,61***	0,91***	0,90***	0,85***	0,95***	0,87***	1

p<0,01, *p<0,001

Discussão

Numa outra pesquisa realizada (Perim, 2011) encontramos, um dado bastante elucidativo referente as redes de apoio social com o número das pessoas que compõem as redes de apoio social dos praticantes de desporto sendo superior ao das redes de apoio dos que não eram praticantes. Também no que diz respeito à satisfação com a sua rede de apoio, os valores do grupo dos que praticavam mais esportes eram claramente superiores, sugerindo que estavam bastante satisfeitos com a sua rede de apoio social o que vem de encontro à afirmação dos estudos desenvolvidos por Brodtkin e Weiss (1990) e Weiss e Petlichkoff (1989) onde os mesmos apontam que um dos benefícios que a prática esportiva pode oferecer é, entre outras coisas a existência de uma boa relação com o grupo de pares e com adultos significativos para aqueles que o praticam.

Assim, tendo em consideração esta pesquisa, esperavamos que a participação em projetos sociais pudesse favorecer naturalmente o aparecimento de maiores vínculos (expressos no número que compõe as redes sociais e a satisfação com as mesmas) e que os comportamentos resilientes fossem naturalmente maiores no grupo de participantes nos projetos

sociais. Entretanto, não foi o resultado que encontramos de imediato.

Uma possibilidade de explicação desses resultados encontra-se, possivelmente, no nível de desenvolvimento que os participantes deste tipo de projetos possuem. É possível que eles tenham mais carências do que os outros jovens, mesmo que estes sejam oriundos de um mesmo meio social (cuidado tomado antecipadamente pelos pesquisadores, ao coletarem os dados em comunidades próximas ou bastante semelhantes às comunidades de origem dos participantes dos referidos projetos), o que de fato vem justificar, inclusive, a participação dos mesmos nesses projetos e não de outros jovens, já que, via de regra, esses projetos costumam atender sempre os mais carentes.

Um exemplo que pode fortalecer essa ideia é um fato singular que ocorreu quando da coleta de dados: um dos pesquisadores ao aplicar o instrumento a um grupo de jovens de um dos projetos envolvidos, teve que explicar aos pormenores, questão por questão, às vezes até palavras e o grupo demorou cerca de 2 horas e 30 minutos a responder o instrumento, quando todo o resto da amostra levou no máximo 50 minutos para fazê-lo.

No que diz respeito a um dos objetivos desta pesquisa que era comparar os grupos etários, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos ganhos em termos de resiliência. Este resultado pode ser atribuído a pouca diferença existente entre as idades dos participantes. No estudo desenvolvido por Lundman, Strandberg, Eisemann, Gustafson, e Brulin (2007), um dos poucos que demonstrou a correlação entre a idade e ganhos em termos de resiliência, além de uma amostra bem maior e diversificada a mesma se constituiu de pessoas entre os 16 e 90 anos.

Contudo, quando se analisou separadamente os adolescentes em grupos etários distintos, as diferenças não eram significativas na adolescência inicial. Por sua vez, no grupo de adolescentes (15 a 17 anos) a diferença era estatisticamente significativa, favorecendo sempre os não participantes.

Como afirmado, o esporte tem sido utilizado como ferramenta de trabalho em projetos sociais diversos, tendo como objetivo o desenvolvimento positivo, pessoal e social de crianças e jovens como citado nesta pesquisa. Assim, procuramos estudar alguns desses projetos a fim de verificar se de fato a participação dos jovens contribuiria de alguma forma para o desenvolvimento da resiliência dos mesmos.

Os resultados encontrados não fornecem suporte para a existência de relações estatisticamente significativas que pudessem corroborar a ideia de que a participação de jovens nestes projetos sociais pudesse contribuir para o desenvolvimento da resiliência. Entretanto, detectamos que com o tempo de participação nestes projetos estes ganhos eram possíveis ou, por outras palavras, verificamos que quanto mais tempo os sujeitos participavam destes projetos melhores eram os seus níveis de desenvolvimento em termos de resiliência.

Apesar de tudo, existe aí um dado que fortalece os projetos sociais como um todo. Se, por um lado, os jovens que não são participantes desses projetos obtêm maiores escores de resiliência do que os que participam, por outro lado, o tempo em que estes jovens participam desses projetos faz com que se verifiquem melhorias no sentido do seu desenvolvimento em termos de resiliência, o que vem sugerir que a participação nesses projetos é benéfica e deve ser incentivada.

Corroborando estes resultados, um dado interessante diz respeito ao SSQ6. Nos estudos desenvolvidos com esta escala (Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983; Pinheiro & Ferreira, 2002), existiu sempre uma relação muito próxima entre o número de sujeitos que compõe a rede de apoio social e a satisfação dos respondentes com a sua rede, sugerindo que quanto mais sujeitos compõem a rede, mais satisfeitas as pessoas estão com estas mesmas redes.

O que se encontrou no presente estudo são dados que, de certa forma, contrariam a tendência atrás referida. Como se pôde notar, o índice que mede o número de sujeitos (SSQ6N) tinha uma correlação negativa estatisticamente significativa, ao contrário do índice de satisfação (SSQ6S) que tinha uma correlação positiva estatisticamente significativa com os níveis de resiliência em todas as subescalas e na escala total. Este fato sugere que quanto mais tempo os sujeitos participam nos projetos sociais, mais se encontram satisfeitos com suas redes de apoio. Mesmo que haja uma diminuição do número desta rede, talvez os sujeitos passem a considerar muito mais a qualidade das redes de apoio do que o seu número.

Ao se constatar que a participação nestes projetos de intervenção social vem contribuindo para o desenvolvimento, nos níveis de resiliência, daqueles jovens que constituem o seu público alvo, e considerando as carências e necessidades dessas populações no Brasil, nos parece razoável pensar que este estudo possa contribuir para reforçar o apoio no desenvolvimento dessas iniciativas, especialmente a partir do resultado de que existem melhorias significativas nos escores alcançados de resiliência quando correlacionamos esses escores com o tempo de participação no projeto.

Todavia, parece-nos importante que se desenvolvam em concomitância mecanismos de auto avaliação de projetos desta natureza, mecanismos que permitam mensurar de forma mais concreta os resultados que vão sendo alcançados, algo que vá além de frases como “existiram melhorias substanciais no desenvolvimento geral dos participantes”. Talvez, a título de sugestão, possamos realizar pesquisas iniciais tendo por objetivo um fenômeno em que queremos prevenir (ou remediar), como a violência ou o uso de drogas, por exemplo. Inicialmente, buscar-se-ia entender como se comporta o nosso público alvo e depois ia-se avaliando ao longo do desenvolvimento do projeto se, de fato, existiram ganhos significativos relativamente à diminuição dos índices que inicialmente demarcamos.

Ou ainda melhor, sendo coerente com o trabalho aqui desenvolvido, pode-se pensar na

possibilidade de se estabelecer um perfil inicial do grupo com o qual se pretende trabalhar. Por exemplo, se temos por objetivo desenvolver níveis de comportamentos resilientes de crianças e jovens, podemos nos munir de instrumento já validados, para traçar este perfil funcional que nos dirá onde esta população com a qual vamos intervir se encontra. Quais são os seus níveis de resiliência? Pode-se intercalar medidas quantitativas (uso de instrumentos e escalas) com medidas qualitativas (entrevistas, grupo focal) para que, a partir deste ponto inicial possamos estabelecer metas de desenvolvimento com o grupo a curto, médio e longo prazo e, conseqüentemente realizarmos avaliações durante o processo para verificar se de fato os objetivos estão sendo alcançados.

Um fator importante é a necessidade de serem desenvolvidas metodologias específicas, considerando que o esporte por si só pode não produzir desenvolvimento positivo nos jovens. Temos como exemplo o trabalho, anteriormente referido, de Don Hellison (como outros que já existem), criando metodologias próprias ou mesmo adaptando metodologias já existentes para a realidade social onde pretendemos atuar.

Questões como estas, se respondidas, poderão de fato contribuir para que se desenvolvam trabalhos de intervenção social que possam ajudar no desenvolvimento da resiliência de nossos jovens, o que de fato é muito importante quando se pensa no enfrentamento de tantas dificuldades e riscos sociais a que estes são submetidos em seu dia a dia.

Considerações Finais

O desenvolvimento de pesquisas nesta área parece assim ser bastante relevante, e nos cabe ainda pontuar a carência no Brasil de estudos dessa natureza. Além de estudos como este, pesquisas de natureza mais qualitativa deveriam também ser realizadas, a fim de verificar como se desenvolvem as atividades e os programas dentro desses projetos.

O Ministério do Esporte considera como elemento de aprovação de um projeto social com o esporte o fato de, grande parte dos participantes, estarem regularmente matriculados numa escola. Parece que o entendimento de “esporte educacional” esta atrelado a um espaço de complementação, onde se trabalha com a ocupação dos jovens no contra turno escolar. Uma questão tem sido levantada: não poderia ser estes projetos uma forma de incentivar as crianças e jovens a voltarem para a escola? Temos visto que, muitas vezes, este é um dos poucos espaços onde eles podem exercitar de forma saudável as relações sociais com o grupo de iguais, com adultos significativos, o que foi afirmado ser de grande utilidade para o desenvolvimento de vínculos importantes para suas vidas. Então por que negar esta possibilidade para os que se recusam a ir a escola? Propiciar esta possibilidade não poderia ajudar, a médio prazo, o retorno à própria escola?

Acreditamos ainda que estes projetos deveriam estar integrados, que pudessem dialogar

entre si e, acima de tudo fizessem parte efetiva das políticas públicas para o esporte que Municípios, Estado e Federação pretendem desenvolver e tem como objetivo nestes espaços.

Em suma, mesmo com suas limitações, este estudo nos leva a reforçar a ideia de que os projetos de intervenção social têm o seu papel a cumprir como um bom meio para o desenvolvimento de comportamentos resilientes, em especial, para aqueles que possuem a perseverança de continuarem a perseguir seus objetivos, seguindo seus caminhos como participantes.

Referências

- Bento, J.O. (2004). *Desporto - discurso e substância*. Porto : Campo das Letras.
- Bonanno, G.A. (2004). Loss, Trauma, and Human Resilience American Psychological Association, 59(1), 20–28.
- Brach, V. (1992) *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister.
- Braithwaite, V. A., & Law, H. G. (1985). Structure of human values: testing the adequacy of the Rokeach Value Survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, p. 250-263.
- Brustad, R. (1988). Affective outcomes in competitive youth sport: The influence of intrapersonal and socialization factors. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 10, 307-321.
- Camino, C.; Camino, L.;Pereira, C. & Paz, M.(2004) *Moral, direitos humanos e participação social*. *Estudos de Psicologia*, 9 (11), 25-34.
- Corte-Real, N.(2006). *Desporto, saúde e estilos de vida...Diferentes olhares, objetivos e subjetivos, sobre os comportamentos dos adolescentes*. Porto: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2001) *O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência*. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 21 (1), 14-29.
- Gouveia, V.V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia.*Estudos de Psicologia*, 8(3), p. 431-443.
- Hellison, D. & Wright, P. (2003). Retention in an urban extended day program: A process-based assessment. *Journal of Teaching in Physical Education*,22, 369-381.
- Hellison. D & Walsh,D (2002). *Responsability-Based Youth Programs Evaluation : Investigating the Investigations*. *Quest*, 54, 292-307.
- Lundman, B., Strandberg, G., Eisemann, M., Gustafson, Y., & Brulin, C. (2007). Psychometric properties of the Swedish version of the Resilience Scale. *Scand J Caring Sci*. 21(2), 229-237.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56, 227-238.
- Pérez-Sales, P., & Vázquez, C. (2003). Emociones positivas, trauma y resistencia. *Ansiedad y Estrés*, 9(2-3), 235-254.
- Perim, P.C.(2011). *Resiliência e Prática Desportiva: um estudo realizado com adolescentes brasileiros*. Porto: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

- Pesce, R.P.; Assis, S.G.; Santos, N. (2004). Risco e Proteção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143.
- Pinheiro, M.R.M.; Ferreira, J.A.G. (2002) . O Questionário de Suporte Social: Adaptação e Validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6). *Psychologica*, 30, 315-333.
- Presidência da República. (2006) Lei de incentivo ao esporte. Consultado em 30 de janeiro de 2015, Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11438compilado.htm.
- Regueiras, M. L. V. (2006). Desenvolvimento da Responsabilidade Pessoal e Social de jovens em risco, através do Desporto: Será possível? Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Regueiras, M. L. V. (2012). "Desenvolvimento da Responsabilidade Pessoal e Social dos Jovens Através do Desporto: Uma análise centrada na perspetiva dos especialistas" Tese de Doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Orthopsychiatric Association*, 57(3), 316-331.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: Implications for family therapy. *Journal of family therapy*, 21, 119-144. Consultado em 19 de maio 2010, disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-6427.00108/pdf>
- Sanches, S. M. (2007) A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. *Revista brasileira de psicologia do Esporte*.1(1), 01-15.
- Sarason, I.G., Levine, H., Basham, R. & Sarason, B. (1983). Assessing social support: The social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.
- Secretaria de Estado da Educação, Governo do Paraná. (2006). Educação Física – ensino médio (2ª ed.). Curitiba : SEED-PR.
- Seligman, M. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology - An introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.
- Seligman, M. E. P., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: Empirical validation of interventions. *American Psychologist*, 60 (5), 410-421.
- Vazquez, C., Cervellon, P. & Perez Sales, P. (2005). Positive emotions in earthquake survivors in El Salvador - 2001. *Journal of Anxiety Disorders*, 19, 313-328.
- Vetter, S., Dulaev, I., Mueller, M., Henley, R., Gallo, T. & Kanukova, Z. (2010) Impact of resilience enhancing programs on youth surviving the Beslan school siege. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*. (pp. 4-11). Consultado em 15 de abril de 2011, disponível em <http://www.biomedcentral.com/content/pdf/1753-2000-4-11.pdf>
- Zanella, A., Lessa, C. & Da Ros, S. (2002). Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 211-218.